

# Árvore Metálica (1)

Aldo Arrais

Urubus,  
Frutos negros  
Jogando sujidade  
Da grande árvore metálica  
Plantada no centro da cidade.  
Praça da Prefeitura, antigamente  
Alegre, espaçosa, ampla, bonita,  
Agora cruelmente desfigurada  
Pela torre de ferro colossal, esquisita.  
Dessa praçona larga, linda e calma,  
Hoje totalmente retalhada  
Não resta quase nada...  
No computador da memória,  
Registrei imagens, sons, cores, lugares e pessoas,  
Mais as velhas paisagens  
Que guardo com carinho na lembrança.  
Recordações gratas e boas  
Do meu tempo de criança,  
Velhas paisagens,  
Sonhos e miragens...  
Ao redor da praça, de cada lado,  
Em ambas as travessas  
Frondosas mangueiras,  
Um tamarindeiro secular,  
Um pé de mari-gordo e várias bacabeiras,  
Banquinhos de madeira, rústicos, lustrosos,  
Sombras amigas  
Marcando os limites da rua  
Protegendo os encontros amorosos.  
Na parte bem maior, atrás da Prefeitura,  
Um gigantesco ajarázeiro  
E a pequenina serra da “Lonjura”.  
Velha casa de Força e Luz  
Movida a lenha  
Tapuio “Jito da Usina”,  
Que também era Gomes de Jesus.  
Na parte alta da “Praça da Saudade”,  
Hoje Eloi Simões (por que os nomes da ruas os políticos gostam de mudar?...)  
Havia duas fileiras  
Com muitas pitombeiras,  
Árvores mais altas da cidade,  
Pitombas mais doces do lugar.  
Sapatarias do “Zeca” e do “Roxinho”,  
Casas do “Parintins”, do “Borrola”,  
Barbearia do “Lili-Garça”,  
Barraca de palha do “Raimundo Pretinho”.

Carpintaria do “Satuca”,  
Oficina do ferreiro “Mestre André”,  
Banca de tacacá da “Tia Baruca”,  
Vendinha do “Bacu”,  
Residência do “Camundo”, palhoça do “Cué”.  
Ali, por acaso, germinou  
Solitário pé de babaçu  
Que um “prefeitinho” louco derrubou...  
Cortaram todas as árvores  
Tomaram quase todo aquele espaço.  
Na campanha das telha, do tijolo e do tostão,  
Construíram com ajuda e dinheiro do povo  
O “Hospital Santo Antônio”,  
Fruto do nosso esforço e trabalho em mutirão,  
Ao pé do morro, sem nada indenizar...  
Com promessas e argumentos falsos  
Expulsaram o cego “Luiz Bitônio”  
Que conhecia todos os recantos de Alenquer  
Pelo tato dos enormes pés descalços.  
Jogaram lixo no jardim do velho “Eugênio”,  
Tiraram o nosso verde  
E o nosso melhor e mais puro oxigênio.  
A cidade ficou enfraquecida,  
Sem ar e sem pulmão,  
Respira e vive mal.  
Mesmo crime, idêntica maldade,  
Fizeram com a “Praça do Aningal”.  
No bairro da Luanda, antiga “Praça da Aurora”,  
Denominada atualmente “Praça do Internacional”.  
Dá pena de ver.  
Nossa cidade agora  
Não tem nenhum recanto de lazer.  
Boteco e taberna dos irmãos “Portilhos”  
Mansão do seu “Emídio” e dona “Maroquinha”  
E seus vinte e dois filhos.  
“Clube de Mães”, “Casa dos Médicos”,  
Prédio da “Telepará”.  
Quintal cercado de zinco do fazendeiro “Esteliano”,  
Varal de peixe seco  
Tabuleiro de frutas do “Chico Sabiá”.  
No caminho da serra, escondida no beco,  
Malsinada barraquinha  
Dum pobre hanseniano.  
Palco de partidas memoráveis  
Jogadores, atletas formidáveis,  
Na frente da Prefeitura  
O campo de futebol e peladas também.  
Vitória de sete a zero do timaço do “União”  
Na seleção de Santarém.  
De todos nós, omissos e culpados,

A história cobrará nos dias futuros  
Mais verde, mais espaço,  
Sol e saúde para nossas vidas.  
Estamos espremidos, apertados.  
Que fizeram de nossos logradouros?..  
Onde estão nossas praças e avenidas?..  
A grande ÁRVORE METÁLICA,  
Brilhosa e refulgente,  
Não dá frutos, nem sombras,  
Não tem seivas, nem flores, nem raízes,  
Mas deixou na face triste da cidade  
Enormes CICATRIZES.

(1985)

[1] Este poema pode ser lido em Transamazônicos, p. 99, numa versão de 1984, também ligeiramente diferente da cópia aqui transcrita, de 1985, na qual o poeta escreveu: “A torre metálica da Telepará é uma enorme cicatriz na face triste da cidade...”